

MATEMÁTICA COMO LINGUAGEM DE MEDIAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA MARGINALIZAÇÃO ETÁRIA ATRAVÉS DE RECEITAS AFETIVAS

Gilberto de Assis Fernandes ¹
Manuella Moraes Ventura ²
Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Quintanilha Schreiber ³

RESUMO

Este trabalho analisa um projeto de extensão desenvolvido por dois bolsistas voluntários e dois professores orientadores em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) no município de Balneário Gaivota/SC, que utiliza receitas afetivas como eixo articulador de encontros com pessoas idosas, compreendendo a Matemática não como conteúdo escolar, mas como uma linguagem presente nas práticas cotidianas e nas experiências de vida. Inserido no campo da educação não formal e da intervenção social, o estudo tem como objetivo analisar de que forma a conexão entre memória, convivência e identificação da Matemática no cotidiano contribui para o enfrentamento da marginalização etária, o estímulo da memória e o fortalecimento de vínculos sociais. O referencial teórico fundamenta-se na valorização dos saberes cotidianos, no papel da memória no envelhecimento e na compreensão da Matemática como prática cultural e mediadora de relações sociais. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada na realização de rodas de conversa, escuta coletiva e valorização das narrativas associadas às experiências culinárias e memórias compartilhadas pelos participantes, sem a realização de oficinas culinárias práticas, em função das limitações estruturais do espaço. Os resultados indicam que essas narrativas gastronômicas e de vida funcionam como dispositivos de memória, identidade e pertencimento, favorecendo o engajamento dos idosos nas atividades do CRAS e reduzindo situações de isolamento social. A Matemática emerge de forma transversal, integrada às narrativas, permitindo que os participantes reconheçam sua presença em receitas realizadas ao longo da vida, como por exemplo o uso da fração na hora de medir os ingredientes. Conclui-se que a proposta contribui para ressignificar a relação dos idosos com a Matemática, fortalecer vínculos comunitários e valorizar saberes historicamente invisibilizados, evidenciando o potencial de práticas socioassistenciais que priorizam a convivência, o diálogo e o reconhecimento das trajetórias de vida.

Palavras-chave: CRAS, Receitas afetivas, Matemática, Memórias, Balneário Gaivota.

INTRODUÇÃO

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Catarinense Campus Sombrio - IFC, gilbertofernandessc@gmail.com;

2 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Catarinense Campus Sombrio - IFC, manumoraesmath@gmail.com;

3 Doutoranda em Educação (Furb) e Mestra em Educação (Univille). Professora do Instituto Federal Catarinense, acrischreiber@yahoo.com.br



A marginalização social de pessoas idosas manifesta-se de diversas formas, indo muito além da questão financeira. Ela aparece no silêncio do isolamento, na redução dos vínculos com a vizinhança e, principalmente, na perda de espaços onde essas pessoas possam ser ouvidas. Em muitos casos, o envelhecimento é visto pela sociedade como um processo de "despedida" da vida ativa, o que causa um afastamento progressivo da convivência coletiva. Esse cenário impacta diretamente a saúde mental, a memória e as funções cognitivas. Conforme aponta NERI (2001), a exclusão do idoso muitas vezes acontece porque a sociedade valoriza apenas a produtividade juvenil, ignorando que a velhice é uma fase repleta de possibilidades de aprendizado e troca. Assim, o isolamento não é uma escolha do idoso, mas um reflexo de uma estrutura social que deixa de oferecer papéis significativos para quem envelhece.

Nesse contexto, os serviços socioassistenciais, organizados no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), desempenham papel central na garantia de direitos, na promoção da autonomia e no enfrentamento de situações de vulnerabilidade social. Entre esses serviços, destaca-se a proteção social básica, ofertada por meio dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), que têm como finalidade fortalecer vínculos, prevenir situações de risco e promover espaços de convivência.

Nessa perspectiva, o projeto analisado compreende a Matemática como linguagem cultural presente nas práticas cotidianas dos idosos, e não como conteúdo escolar. As receitas afetivas ocupam lugar central na proposta por mobilizarem lembranças associadas à vida familiar e ao cotidiano.

O problema que orienta este estudo refere-se à invisibilização dos saberes cotidianos dos idosos e à forma como essa invisibilização contribui para o isolamento social e cognitivo. A questão central é compreender como criar estratégias que favoreçam convivência, estímulo da memória e reconhecimento dos idosos como sujeitos de saber, utilizando a Matemática como ponte e não como fim.

O projeto desenvolvido no CRAS de Balneário Gaivota insere-se nessa perspectiva ao promover encontros regulares que estimulam a rememoração, o diálogo e a troca de experiências, tendo as receitas afetivas como eixo articulador. A Matemática aparece nesse processo como linguagem transversal, ajudando os participantes a perceber que conceitos associados a números, medidas e proporções sempre fizeram parte de suas práticas.

O objetivo geral deste artigo é analisar de que forma o uso das receitas afetivas, articuladas à presença cotidiana da Matemática, contribui para mitigar a marginalização etária, estimular a memória e fortalecer vínculos sociais entre idosos atendidos pelo CRAS. A



Matemática, nesse caso, é compreendida como linguagem mediadora, utilizada para evidenciar saberes já vividos e promover reconhecimento, e não como conteúdo a ser ensinado ou avaliado.

Como objetivos específicos, o estudo propõe:

- Analisar o papel das receitas afetivas como dispositivos de memória e pertencimento no contexto do envelhecimento;
- Investigar de que maneira a identificação da Matemática nas práticas cotidianas contribui para o reconhecimento dos saberes dos idosos;
- Compreender como a articulação entre memória, narrativa e convivência favorece o engajamento dos idosos nas atividades do CRAS;
- Discutir os limites e as possibilidades do uso da Matemática como linguagem de mediação simbólica em espaços socioassistenciais.

Esses objetivos orientam a análise para além da dimensão cognitiva estrita, considerando aspectos sociais, afetivos e culturais envolvidos na proposta. Não se busca verificar a aquisição de conceitos matemáticos, mas compreender como a percepção da presença da Matemática no cotidiano pode contribuir para processos mais amplos de inclusão e valorização dos sujeitos.

Nesse sentido, o estudo se justifica por articular convivência, memória e reconhecimento dos saberes cotidianos dos idosos como estratégia de enfrentamento da marginalização etária no âmbito do CRAS.

REFERENCIAL

TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo organiza-se a partir de três eixos centrais: a marginalização etária e a importância da convivência social, o papel da memória no envelhecimento e a compreensão da Matemática como prática cotidiana e linguagem cultural. Esses eixos não sustentam uma proposta de ensino, mas fundamentam a análise de uma estratégia de mediação social e cognitiva desenvolvida em um espaço socioassistencial.

No que se refere à convivência social, a criação de ambientes nos quais os idosos possam compartilhar experiências, narrativas e saberes contribui para a reconstrução do sentido de pertencimento e para o reconhecimento social desses sujeitos. Nesse contexto, o valor educativo da proposta analisada não está na transmissão de conteúdos, mas na construção de



relações e no fortalecimento da presença dos idosos na vida comunitária. A memória ocupa lugar central no envelhecimento, não apenas como recordação do passado, mas como elemento ativo na organização do presente. BOSI (2003) destaca que a memória se constrói nas relações sociais e se atualiza a partir das experiências vividas, funcionando como base para a identidade dos sujeitos. No caso dos idosos, a rememoração de experiências significativas contribui para o fortalecimento da autoestima e para a manutenção das funções cognitivas.

Nesse sentido, as receitas afetivas funcionam como suportes simbólicos da memória e da identidade, tal como discutido por BOSI (2003). O valor pedagógico da memória, nesse caso, não está em sua sistematização, mas na possibilidade de criar conexões entre experiências passadas e o presente vivido no espaço de convivência. A proposta analisada utiliza a memória como meio de interação social e de ativação do pensamento, reforçando o papel do CRAS como espaço de socialização e não como ambiente de ensino. A compreensão da Matemática adotada neste estudo distancia-se da perspectiva escolar tradicional. D'AMBROSIO (2001) argumenta que práticas matemáticas emergem das necessidades cotidianas dos grupos sociais, sendo desenvolvidas antes mesmo da formalização acadêmica. Medir, comparar, dividir e organizar fazem parte da vida diária e constituem formas legítimas de lidar com quantidades e relações. Essas práticas aparecem, por exemplo, ao ajustar quantidades ou adaptar receitas. Essa compreensão relaciona-se à dimensão cultural do conhecimento matemático, que é construído nas práticas sociais:

A cultura se manifesta no complexo de saberes/fazeres, na comunicação, nos valores acordados por um grupo, numa comunidade ou um povo. Cultura é o que vai permitir a vida em sociedade. Quando sociedades e, portanto, sistemas culturais, se encontram e se expõem mutuamente, elas estão sujeitas a uma dinâmica de interação, conforme afirma (D'AMBROSIO 2011, p. 59)

Nesse contexto, a identificação da Matemática nas práticas cotidianas pode ser compreendida como um processo de aprendizagem significativa, pois os participantes passam a reconhecer conceitos matemáticos a partir de experiências previamente vividas. Segundo MOREIRA (2011), a aprendizagem torna-se significativa quando o novo conhecimento se relaciona com conhecimentos já existentes na estrutura cognitiva do sujeito, permitindo a atribuição de sentido e a construção de novos significados. A aprendizagem e o desenvolvimento humano ocorrem nas interações sociais, conforme



discutido por VYGOTSKY (2007). Nesse sentido, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores possui origem nas relações sociais e culturais, sendo posteriormente internalizado pelo indivíduo. A linguagem, a interação e os signos culturais desempenham papel fundamental nesse processo, permitindo que o sujeito atribua significado às suas experiências e organize seu pensamento a partir do convívio social (VYGOTSKY, 2007). Embora o projeto analisado não tenha finalidade educativa formal, a interação desempenha papel central ao possibilitar a troca de experiências e a construção coletiva de sentidos. As rodas de conversa organizadas a partir das receitas afetivas criam um ambiente no qual o diálogo e a escuta são valorizados. Segundo VYGOTSKY (2007), os sistemas simbólicos, como a linguagem e os números, funcionam como instrumentos culturais que mediam o pensamento humano, permitindo que os indivíduos organizem suas experiências e atribuam significado às suas ações. Nesse sentido, a Matemática presente nas receitas atua como um signo cultural mediador, articulando memória, linguagem e interação social. Ao emergir de forma integrada às histórias compartilhadas, ela deixa de ser um saber externo e passa a compor o tecido das experiências vividas. Essa mediação contribui para o fortalecimento dos vínculos sociais e para a permanência dos idosos no espaço do CRAS. Dessa forma, o referencial teórico sustenta a análise da proposta como uma estratégia de enfrentamento da marginalização etária, na qual a Matemática e as receitas afetivas funcionam como pontes simbólicas para a convivência, o estímulo da memória e o reconhecimento dos saberes dos idosos.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza analítica e interpretativa, voltada à compreensão de uma estratégia de intervenção social desenvolvida em um espaço socioassistencial. A metodologia não foi concebida para avaliar processos de ensino-aprendizagem em sentido escolar, mas para analisar como determinadas práticas contribuem para o enfrentamento da marginalização etária, o estímulo da memória e o fortalecimento dos vínculos sociais. O CRAS foi compreendido como espaço de convivência e fortalecimento de vínculos, e não como ambiente de ensino formal. Um aspecto central do contexto investigado refere-se à ausência de infraestrutura para a realização de oficinas culinárias com preparo de alimentos. O espaço físico do CRAS não



dispõe de cozinha equipada nem de condições adequadas para esse tipo de atividade. Essa limitação foi considerada desde o planejamento da proposta e influenciou diretamente as estratégias adotadas, afastando qualquer expectativa de execução prática das receitas dentro da instituição.

A metodologia fundamenta-se em três princípios orientadores. O primeiro é o reconhecimento dos idosos como sujeitos de saber, cujas experiências e memórias constituem o eixo central das atividades. O segundo é a valorização da convivência e da narrativa, entendidas como meios de fortalecimento dos vínculos sociais e de estímulo cognitivo. O terceiro é a utilização da Matemática como linguagem de mediação.

Esses princípios orientaram a organização das atividades e evitaram a adoção de procedimentos típicos do ensino formal, como exposição de conteúdos, exercícios ou avaliações. A proposta buscou criar um ambiente de diálogo, no qual a Matemática emergisse de forma natural a partir das histórias e práticas relatadas pelos participantes.

Figura 1 - Grupo de idosos no CRAS



Foto: arquivo pessoal

As imagens foram registradas com autorização institucional e consentimento dos participantes durante os encontros no CRAS de Balneário Gaivota.

Os procedimentos metodológicos organizaram-se em encontros coletivos realizados ao longo do período de desenvolvimento do projeto. Esses encontros foram estruturados principalmente por meio de rodas de conversa, nas quais os idosos eram convidados a compartilhar receitas afetivas associadas a suas histórias pessoais e familiares. As receitas compartilhadas foram tratadas como dispositivos narrativos, capazes de mobilizar lembranças, afetos e experiências vividas. Durante as conversas, surgiam espontaneamente referências a quantidades, medidas, divisões e adaptações de ingredientes, elementos que foram reconhecidos como manifestações da presença da Matemática no cotidiano dos participantes.

A mediação das atividades consistiu em evidenciar essas relações, sem formalizá-las ou



transformá-las em conteúdo didático. Perguntas abertas foram utilizadas para estimular o diálogo a partir das narrativas dos participantes. Além das rodas de conversa, foram promovidos momentos de escuta coletiva e troca de experiências, nos quais os participantes puderam comentar as histórias uns dos outros, reforçando o caráter comunitário da proposta. Esses momentos tiveram papel central no fortalecimento dos vínculos e na permanência dos idosos no espaço do CRAS. Os registros utilizados para a análise consistiram em anotações das rodas de conversa, observações das interações e das narrativas compartilhadas pelos participantes. A análise foi realizada de forma interpretativa, buscando compreender como a proposta contribuiu para a participação social, o estímulo da memória e o reconhecimento dos saberes dos idosos. Não foram utilizados instrumentos de avaliação de aprendizagem matemática, pois esse não era o objetivo do projeto. A análise concentrou-se na forma como os participantes passaram a reconhecer a presença da Matemática em suas experiências de vida e no impacto dessa percepção para o engajamento nas atividades e para a convivência no espaço socioassistencial.

RESULTADOS

E

DISCUSSÃO

A análise dos encontros realizados no CRAS de Balneário Gaivota mostra que o projeto produziu mudanças sobretudo na forma como os idosos ocuparam o espaço, narraram suas experiências e passaram a reconhecer seus próprios saberes. Ao longo das rodas de conversa, as receitas afetivas funcionaram como um disparador de fala e de interação, favorecendo uma participação mais espontânea e colaborativa entre os participantes. Em vez de permanecerem apenas na escuta, muitos idosos passaram a comentar as histórias uns dos outros, complementar relatos e construir sentidos compartilhados sobre suas trajetórias de vida.

Esse movimento contribuiu para que o CRAS fosse vivido menos como um local de atendimento e mais como um espaço de convivência, escuta e pertencimento, no qual as experiências dos idosos eram tratadas como conhecimento legítimo. As narrativas em torno das receitas não se limitaram ao modo de preparo dos alimentos, mas mobilizaram lembranças familiares, relações intergeracionais e vivências comunitárias, evidenciando que a memória circulou no grupo de forma coletiva e relacional.



Figura 2 - CRAS em Balneário Gaivota



Foto: arquivo pessoal

No que se refere à Matemática, os resultados indicam um deslocamento importante na maneira como os participantes passaram a falar desse conhecimento. Inicialmente associada à escola e a dificuldades do passado, ela foi sendo gradualmente reconhecida como algo já presente em suas práticas cotidianas, especialmente quando comentavam medidas, divisão de porções ou adaptações de receitas. Esse reconhecimento não decorreu de ensino formal, mas de uma tomada de consciência a partir das próprias narrativas dos idosos, o que contribuiu para valorizar seus saberes e reduzir a percepção de distância em relação à Matemática.

A ausência de uma cozinha estruturada no CRAS impediu a realização de oficinas práticas, mas isso não enfraqueceu o projeto. Pelo contrário, reforçou seu caráter narrativo e reflexivo, ampliando o tempo de fala e de escuta entre os participantes e mantendo o foco na memória, no diálogo e na convivência.

Figura 3 - Roda de conversa



Foto: arquivo pessoal

Assim, os resultados evidenciam que o potencial do trabalho esteve menos na execução das receitas e mais na criação de um ambiente em que os idosos puderam compartilhar



histórias, reafirmar pertencimento e reconhecer a presença da Matemática em suas experiências de vida

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados evidenciam que o trabalho com receitas afetivas no CRAS possibilitou a criação de espaços de encontro, escuta e reconhecimento dos saberes dos idosos.

A análise evidenciou que a principal contribuição da proposta reside na criação de espaços de encontro e escuta, nos quais os idosos puderam compartilhar histórias, memórias e saberes construídos ao longo da vida. As receitas afetivas desempenharam papel central nesse processo, funcionando como dispositivos narrativos que mobilizam lembranças, emoções e experiências familiares. Ao serem compartilhadas coletivamente, essas receitas reforçaram o sentimento de pertencimento e a valorização das trajetórias individuais.

Outro aspecto relevante refere-se ao estímulo da memória e do pensamento cognitivo. A rememoração associada às receitas favoreceu a organização do discurso, a evocação de experiências passadas e a troca de lembranças entre os participantes. Esse processo ocorreu de maneira natural, ancorado na convivência e no diálogo, sem a adoção de estratégias estruturadas de estimulação cognitiva. Ainda assim, revelou-se potente ao integrar memória, linguagem e interação social.

A ausência de infraestrutura culinária não comprometeu o projeto, pois o foco esteve na narrativa e na convivência.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o fato de a proposta estar situada em um contexto específico, o que impede generalizações amplas.

Como contribuição principal, este artigo evidencia que a mitigação da marginalização etária não depende exclusivamente de intervenções especializadas ou de conteúdos formais, mas da criação de espaços que reconheçam os idosos como sujeitos de saber. Ao utilizar as receitas afetivas e a Matemática como pontes simbólicas, a proposta analisada fortalece vínculos, estimula a memória e ressignifica a relação dos participantes com conhecimentos historicamente associados à exclusão.

Ao articular convivência, memória e reconhecimento dos saberes cotidianos, o projeto demonstra que práticas socioassistenciais podem enfrentar a marginalização etária sem recorrer ao ensino formal, valorizando as trajetórias de vida como base para pertencimento e diálogo.



REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 2005.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares**. São Paulo: Livraria da Física, 2011.
- NERI, Anita Liberalesso (org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

